



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE HISTÓRIA

AMÓS SANTOS AMORIM

**MULHERES E PESCA ARTESANAL NA AMAZÔNIA ATLÂNTICA: O
PROTAGONISMO FEMININO NO TEMPO PRESENTE EM PERIMIRIM,
AUGUSTO CORRÊA (PA)**

BRAGANÇA – PA

2026

AMÓS SANTOS AMORIM

**MULHERES E PESCA ARTESANAL NA AMAZÔNIA ATLÂNTICA: O
PROTAGONISMO FEMININO NO TEMPO PRESENTE EM PERIMIRIM,
AUGUSTO CORRÊA (PA)**

Artigo científico apresentado ao curso de licenciatura em
História da Universidade Federal do Pará- UFPA campus de
Bragança como requisito para trabalho de conclusão
obrigatória do curso

Orientador: Prof. Dr Érico Silva Alves Muniz

BRAGANÇA – PA

2026

**MULHERES E PESCA ARTESANAL NA AMAZÔNIA ATLÂNTICA: O
PROTAGONISMO FEMININO NO TEMPO PRESENTE EM PERIMIRIM,
AUGUSTO CORRÊA (PA)**

Artigo científico apresentado ao curso de licenciatura em
História da Universidade Federal do Pará- UFPA campus de
Bragança como requisito para trabalho de conclusão
obrigatória do curso

Orientador: Prof. Dr Érico Silva Alves Muniz

Data de aprovação: 30/ 06/ 2026

Banca Examinadora:

Professor orientador:

Dr Érico Silva Alves Muniz
Instituição: Universidade Federal do Pará

Membro:

Prof. Dr. Vanderlúcia da Silva Ponte
Instituição: Universidade Federal do Pará

Membro:

Prof^a. Géssica Silva de Sousa
Instituição: Universidade Federal do Pará

Conceito do trabalho: Excelente

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido a oportunidade de integrar a Faculdade de História, esta área tão importante para a manutenção de cultura e identidade dos povos amazônicos como a cultura das mulheres praieiras e suas lutas por protagonismo abordada neste trabalho. Gratidão a Universidade Federal do Pará-UFPA, lugar onde conclui minha primeira graduação como Bacharel em Turismo, meu Mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia e onde concluo mais este curso de Licenciatura em História.

Agradeço aos meus colegas de curso, em especial a turma de História 2022 embora não tenha sido minha turma inicial, me acolheram e foram partes importantes na conclusão desta etapa da minha vida, obrigado pelos momentos, pelos bons trabalhos apresentados, e pela troca de conhecimentos.

Obrigado aos meus familiares, em especial aos meus pais, por sempre me apoiarem durante toda minha vida acadêmica. Agradeço ao apoio do meu amado Stênio Freitas por todo incentivo durante o decorrer do curso de História, por muitas vezes foi um porto seguro.

E meus agradecimentos também, as mulheres entrevistadas para esse trabalho. Lídia, Mirian e Marizete. Essas foram fundamentais no processo da pesquisa, na construção de um escrito que transfere a luta, a (re)existência e a história dessas praieiras, pescadoras, políticas, viventes de beira do mar.

E finalmente, agradeço ao meu orientador profº Drº Érico Silva Alves Muniz, por me aceitar como orientando nessa pesquisa e também, ao restante dos Docentes que me repassaram conhecimentos precisos para elaboração e produção deste trabalho.

A todos esses, Obrigado!

.

RESUMO

Este trabalho apresenta o protagonismo das praieiras na comunidade pesqueira de Perimirim, e as atividades por elas desenvolvidas no apogeu de suas identidades no Maretório da Costa de Urumajó em Augusto Corrêa-Pará; e como isso reverbera no tempo presente a partir da organização social de um Clube de Mulheres. Para isso, foram entrevistadas mulheres que participam da construção cultural, social e política da comunidade, destacando sua participação na atividade da pesca, compreendendo está para além dos indicadores econômicos, mas como parte indissociável na socioculturalidade do maretório. Essa pesquisa verificou as narrativas tecidas por elas e suas influências ao longo da história da Perimirim como essas se pautam no tempo presente na sua atual configuração social, buscando entender a relação de gênero nesse processo. A partir do estudo foi possível compreender o universo feminino no olhar das praieiras com a finalidade de caracterizar a sua própria identidade quanto mulher pescadora e protagonista de sua própria história.

Palavras chave: Pesca artesanal. Mulheres. Identidade.

ABSTRACT

This work presents the leading role of the women from the beach community in Perimirim, and the activities they developed at the height of their identities in the Maretório da Costa de Urumajó in Augusto Corrêa-Pará; and how this reverberates in the present time through the social organization of a Women's Club. To this end, women who participate in the cultural, social, and political construction of the community were interviewed, highlighting their participation in fishing activities, understanding this as going beyond economic indicators, but as an inseparable part of the sociocultural fabric of the fishing community. This research examined the narratives woven by these women and their influences throughout the history of Perimirim, as well as how these narratives are shaped in the present time within its current social configuration, seeking to understand the gender relationship in this process. The study made it possible to understand the female universe from the perspective of the women who work on the beach, with the aim of characterizing their own identity as female fishers and protagonists of their own stories.

Keywords: Artisanal fishing. Women. Identity.

1. INTRODUÇÃO

Durante campos de investigação ao decorrer da vida acadêmica na comunidade de Perimirim, localizada na Resex¹ Marinha Arai-Peroba no município de Augusto Corrêa no Pará, percebeu-se a mulher como um papel fundamental na formação das identidades praieiras. É importante se compreender, nesse processo, a identidade como simplesmente aquilo que se é, como alusão a si próprio: ela é autocontida e autossuficiente, não podendo ser considerada como algo natural, pois, é formada pelo ato de criação (Silva, 2000). Esses aspectos foram identificados, ao presenciar alguns relatos em campo durante o mestrado no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia-PPLSA, da Universidade Federal do Pará-UFPA e do curso de Licenciatura em História nessa mesma instituição, na produção da dissertação de mestrado “Entre marés e memórias: identidades na multiterritorialidade do praieiro no Maretório da Costa de Urumajó (Augusto Corrêa, Pa), notou-se a figura feminina quanto essa representatividade de uma história no passado da pesca artesanal mais evidente.

O maretório apresentado na dissertação é definido por um conjunto de práticas tradicionais realizadas por populações costeiras integrada à pesca artesanal. Atividades interligadas conforme as relações de moradia, saberes, religiosidades, costumes, crenças e tradições da cultura local pesqueira. Dessa forma, o termo complementa as dimensões simbólicas e culturais do cotidiano e da vivência em comunidade dialogando com as relações sociais do espaço litorâneo. Portanto, o termo maretório é proposto pelas lideranças das reservas extrativistas (RESEX) marinhas como resultado da (re)existência, e são processos de luta em defesa dos territórios e pela afirmação das territorialidades dos pescadores e pescadoras artesanais (Nascimento, 2021).

E é nesse maretório que por meio dos relatos das mulheres praieiras, foi possível perceber no passado a falta de um protagonismo registrado com tanta evidência quanto a sua real participação na atividade pesqueira, na qual essas ainda que não adentrassem o mar para a prática, eram as responsáveis pela pesca de beirada para sustento dos filhos enquanto o marido pescador estava no alto mar, e na chegada desses eram elas que praticavam a evisceração, lavagem e salga² para comercialização, e quando possível a despesca das redes.

Foi claro então que a propagação efetiva de informações a respeito do tema faltou ao

¹ Para Nascimento (2021), as RESEX marinhas são maretórios onde as comunidades pesqueiras sobrevivem dos recursos do mar e através destes constroem seus territórios e suas territorialidades. Mantendo uma forte ligação com o espaço onde vive, seja para extração econômica de algum recurso ou para fixação de moradia.

² A salga fazia parte de uma prática rotineira que se dividia em salgar e secar os peixes, em seguida, arrumá-los para o transporte. Esses processos eram feitos em terra, logo na chegada dos pescadores e envolvia diversos membros das famílias praieiras, homens e mulheres (MANESCHY, 1995)

estudar a comunidade de Perimirim em análises anteriores por mim desenvolvidas. Com isso, a ideia desse artigo surgiu ao compreender a importância daquele momento para a construção de uma identidade feminina na pesca artesanal, afim de entender como essas mulheres estão organizadas atualmente e quais espaços ocupam no âmbito cultural, social e político quanto mulher praieira da comunidade de Perimirim.

Ser mulher praieira segundo Amorim (2023) é, portanto, aquela que existe em praias e ilhas, nas margens de rios e estuários, e fazem destes múltiplos territórios, produção e reprodução dos seus modos de vida, com seus saberes tradicionais que fortalecem seus vínculos culturais, importantes fatores de identidade. Por meio desse modo de vida se reconhece os saberes que são produzidos na relação com o meio ambiente onde retiram os recursos para sua existência e sofrem transformações sociais com novos elementos culturais externos que acometem o maretório.

Esses saberes tradicionais correspondem a um paradigma central sobre a forma de entender e agir sobre o mundo. Como descreve Cunha (2007) são obras abertas, inacabadas, sempre se fazendo. Para a autora é importante compreender a forma como esse conhecimento tradicional ou saberes estão entrelaçados nas identidades das mulheres em comunidades tradicionais que vão direcionar a forma de vida cotidiana do lugar. Por isso, compreender a mulher nesse processo levou-me a esse novo objeto de averiguação, por entender que essa configuração social no passado pode fortalecer a nova organização social delas e ainda contribui para análises futuras acerca das questões de gênero na Amazônia no século XX e XXI.

Essas reflexões se iniciaram uma vez que, Pereira e Silva (2023) mostram que atualmente as comunidades ribeirinhas da Amazônia são marcadas pela presença feminina onde o papel da mulher na configuração social fazem muitas delas assumirem protagonismo e serem referência e detentoras da organização social e da convivência comunitária. Nesse contexto, essa pesquisa tem como foco principal de estudo as mulheres praieiras de Perimirim. Com isso, o artigo objetiva apresentar o protagonismo dessas nas atividades polivalentes e como isso reverbera nas relações de gênero no tempo presente da comunidade.

Para alcançar os resultados, as etapas seguiram por procedimentos metodológicos baseado inicialmente por levantamentos bibliográficos, e posteriormente por meio da técnica de entrevista semiestruturada com o uso do método histórico que consiste conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 107) “em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje”. Para tanto, realizou-se entrevista com três praieiras referente a sua participação na pesca artesanal e na organização social da comunidade no passado e no presente.

O registro das entrevistas foi realizado por meio da técnica da História Oral, que se trata da “interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (Thompson, 2002, p. 9). A fonte oral nesse sentido é um importante complemento da história que ganha destaque na visão da história social para compreender o outro universo da sociedade que representa por meio das memórias narradas sua história coletiva. Com isso, a historiografia apresentada abordar uma nova realidade vivenciada por historiadores que começam a intervir em um novo campo da história, o tempo presente, que rompe uma barreira do espaço-tempo em que a história estudava apenas o passado. Dessa forma, é preciso observar que estudos realizados concomitante a essa temporalidade expõem acontecimentos no passado do ponto de vista do tempo presente devido sua proximidade temporal (Fiorucci, 2011).

Desse modo, conseguiu-se realizar uma sistematização das informações registrada em campo para realização da análise com base nas teorias estudadas. Para tanto, esse artigo apresenta registros relacionados a contribuição da mulher praieira para o modo de vida no maretório da costa de Urumajó, seguindo de um diálogo e de conclusões quanto a temática abordada. Portanto, trata-se nesse texto sobre como a mulher foi moldada a partir da pesca artesanal, atividade essencial na formação das suas identidades compreendendo que teve mudanças na configuração do lugar feminino em uma comunidade pesqueira da Amazônia ao longo dos anos.

O artigo apresenta como essas mudanças cooperam para novas discussões socioculturais no tempo presente referente a um protagonismo mais vivo de mulheres praieiras. Para isso, o texto *a priori* traz um aporte teórico em relação a pesca, gênero e história das mulheres na Amazônia. No segundo momento aborda a mulher em um aspecto sociocultural de gênero na pesca artesanal, e por fim, exhibir as praieiras e sua relação identitária quanto a ser mulher e vivente de comunidade tradicional na Amazônia costeira estuarina, com viés social, cultural e político.

2. PESCA, GÊNERO E HISTÓRIA

No final da década de 1990 os estudos de gênero evidenciaram a importância da história das mulheres, trazendo um diálogo contínuo quanto a essa categoria que é fundamental para pensar a teoria e a metodologia da história. Dando assim, maior visibilidade às experiências femininas, provando sua participação na história que por muitas vezes foi omitida pela historiografia clássica (Cancela, 2024). Como descreve Rago (2004) ao falar sobre a mulher

no exercício do trabalho no início do século XX, em meio a muitas greves e mobilizações políticas era evidente a exploração feminina entre 1890 e 1930, e essas como expõe a autora eram descritas como “mocinhas infelizes e frágeis”. Ou seja, a mulher era descrita nos livros de história como aquelas vulneráveis, que necessitavam da figura masculina para viver em sociedade. De acordo com Cancela (2024), essa perspectiva só muda no final da década de 1980 quando se começou a estudar de forma mais aprofundada a categoria gênero nos estudos que hoje conhecemos como História da Mulher.

Sobre isso, ressalta Scott (1992) ao tecer a respeito da história das mulheres, que estas vem ganhando protagonismo ao longo da escrita e registros históricos. Para a autora “as mulheres estão ao mesmo tempo adicionadas à história e provocam sua reescrita; elas proporcionam algo extra e são necessárias à complementação, são supérfluas e indispensáveis” (Scott, 1992, p 786). Porém, para a autora mesmo com os avanços no estudo sobre as mulheres, nas questões de trabalho a atuação delas em diversas áreas foram acontecendo de maneira espontânea; conforme a autora estas aos poucos foram inseridas em funções que antes as excluíam, ou que mesmo exercendo eram subordinadas a homens. E é dentre essas atividades, que se identifica a pesca artesanal; na qual o homem até hoje em muitos lugares é considerado como aquele que exerce o papel central.

Até mesmo em produções acadêmicas mais recentes quando se fala em pesca artesanal, a mulher ainda ocupa o lugar de ajudante do marido e não de pescadora, resultado como mostra Scott (1992) de muitos séculos de invisibilização das mulheres em diversas atividades que exerciam ao longo dos anos. Referente a isso Cancela (2024, p.172) afirma que por muito tempo “as análises, inclusive acadêmicas, estavam permeadas de concepções de masculinidade e feminilidade, pensadas de forma relacional e assimétrica”. Essa configuração influenciou a ótica cultural nas questões de gênero, de acordo com Sahlins (1990) essa característica histórica é posta por padrões Europeus e por muito tempo tornou-se o conceito de identidade pessoal sendo essa a estrutura dominante do passado onde o homem é a figura nuclear e chefe ao centro das decisões.

Na Amazônia esse panorama mudou bastante nos últimos anos, conforme nos comprova Cancela (2024) em seu artigo História das Mulheres na Amazônia Paraense: historiografia, desafios e perspectivas. Onde apresenta inúmeras escritoras abordando temas relacionado a questão do feminismo e de gênero do ponto de vista Amazônico, nas quais dão voz a várias mulheres e suas identidades em vários aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais em que se apresentam como protagonistas das suas histórias.

Nesse viés, compreende-se que em Perimirim as praieiras são figuras indispensáveis na

construção de uma identidade tradicional feminina. Pois, essas são construtoras da sua própria forma de existir. Esses aspectos são fundamentais para compreender momentos historiográficos dessa construção identitária. Para isso, a importância do uso da história do tempo presente é fundamental para impactar de forma sensível a sociedade, principalmente o cidadão comum que não tem acesso a produção científica (Fiorucci, 2011).

Esses aportes se fundam no que Burke (2003) vai definir como história social que se trata de uma história ou uma sociologia das pessoas com escassos conhecimentos ou como o autor expõe, ignorantes, que apresentam raros estudos historiográficos devido a muitos obstáculos deparados ao longo dos anos nos registros de suas vidas, aquela que muitos estudiosos e historiadores chamam de história vista de baixo. É nesse discurso como assegura Scott (1992) que a história das mulheres surge como um campo relativamente novo da história social, um importante tópico de abordagem historiográfica que valida o estudo com uma visão mais feminina.

Essa história é conceituada por Mauad (1996) como uma micro-história que representa uma dimensão social em um contexto histórico contado por quem viveu o acontecimento e que conseguem testemunhar o caso vivido. Nesse ponto de vista a história das praieiras consolida identidades por meio da sua própria existência. Por isso, a produção do conhecimento tradicional da pesca está interligada as relações que essas mulheres tecem no processo natural de suas vidas umas com as outras. São as trocas de experiências, de vivências, que formam e reformam, constroem e reconstroem o saber-fazer da pesca artesanal. Formando identidades e aprendizagem dos conhecimentos tradicionais que acontece de forma similar na vida dos pescadores e pescadoras, a transmissão do saber-fazer pelos antigos na relação com o meio no qual se desenvolve a atividade da pesca com pertencimento e tradição cultural.

Segundo Sahlins (1990) essa tradição existe antes de se tornar um fato. Para o autor não importa qual seja o presente ele é reconhecido como passado nesse sistema que gera um paradoxo de certas ordens culturais que ele vai identificar como “a-históricas”. Pode-se pensar nessa relação de tradição com a temporalidade do presente, ou seja, uma história ambiental que referência o momento vivido no hoje que contribui ao entendimento do “tempo social” humano e acontece em meio a mudanças cronológica epistemológica que promove uma nova comunicação entre ciências sociais e ciências naturais (Pádua, 2010). Desse modo, estabelece que a história ambiental envolve a atividade da pesca artesanal.

Portanto, o processo de produção do conhecimento tradicional da pesca na Amazônia acontece, uma vez que, “reconhece um padrão de anterioridade presente na natureza” (Almeida, 2010, p. 76). São saberes quanto aos ciclos naturais das espécies e o período favorável para a

atividade da pesca constituídos há várias gerações, quando os pescadores vão adquirindo os conhecimentos tradicionais através das histórias cotidianas e experiências de pescadores velhos que remetem a eles elementos simbólicos como suas várias técnicas e apetrechos, compadrio, parentesco, ancestralidade, relação com o corpo e o cotidiano em comunidade que geram etno-relações.

Se tratando de mulheres no cenário amazônico isso é ainda mais evidente, pois essa desenvolve seus saberes conforme seu território, a floresta, o rio, elas vão se adequando para existir (Silva e Simonian, 2006). Porque, nas pescadoras a ótica sobre si e a relação com a natureza, contribui para a sua própria percepção cultural e para o entendimento de que práticas de pesca realizadas no maretório são formadas por um conhecimento tradicional adquirido através da transgeracionalidade³.

2.1 As Relações de Gêneros e a Pesca Artesanal na Amazônia

Antes da invasão do território Amazônico pelos Europeus a pesca já era uma atividade tradicional entre os indígenas que já possuíam métodos próprios para a construção de canoas e utensílios para a captura de peixes. Tempos depois, com as influências europeias, houve uma modificação no modo de pescar. Ao certo, os impactos da colonização formaram múltiplas técnicas e modificaram a milenar haliêutica indígena. No entanto, as relações entre os povos durante a atividade é uma identidade presente até hoje, principalmente na Amazônia.

É possível em obras sobre a pesca na Amazônia se perceber que muitas das relações tecidas na atividade acontecem pelo compadrio, esse termo sustenta uma certa conformidade da organização social, para além das relações consanguíneas, fortalecendo a unidade de grupo, persistindo técnicas tradicionais, bem como os tipos de embarcações usadas que se mantêm e são resultantes de sua ancestralidade, compondo um sentimento de pertencimento, ímpar, entre os praieiros e, mesmo que estas tradições venham sofrendo mudanças ao longo dos anos, ainda são bem evidenciadas nos seios de comunidade como Perimirim.

Sobre a perspectiva de trabalho na pesca artesanal, Ramalho (2012) expõe que na sua essência individual é uma atividade centralizada nos homens, e com isso entende-se que expor a história das mulheres nessa relação quebra paradigmas desse pensar patriarcal. Portanto, trago para essa discussão uma reflexão a respeito da questão de gênero presente na sociedade praieira, sobretudo na Amazônia. Uma vez que, na organização social de gênero da pesca artesanal nesse território, em modus

³ Transgeracionalidade é um termo extremamente intrínseco e essencial para falar de transmissão de saberes no seio familiar, para também compreender as tramas geracionais, suas permanências e rupturas (Ribeiro, 2017).

tradicionais as mulheres criam novos espaços e conquistam espaços que antes eram dominados por homens; mudanças que para Scott (1992) nasceu *a priori* com o movimento sufragista na virada do século quando as mulheres ganharam mais autonomia e protagonismo nas suas próprias decisões.

É possível identificar essas referências na pesca artesanal em Maneschy (1995) ao pesquisar sobre pescadoras na praia de Ajuruteua em Bragança no Pará. A autora dar protagonismo as mulheres que até então em obras eram raramente citadas nos registros feitos por estudiosos daquele período, quando mencionadas eram identificadas como auxiliar de seus maridos na confecção e nos consertos de velas e outros aparelhos de pesca, ou ainda na salga do pescado e na coleta de mariscos.

Isso se dava por que no mundo da pesca, até tempos atrás o dinamismo social colocava as mulheres em um papel fundamental na criação dos filhos e nas decisões da casa, porém, a falta dos maridos que passavam a maior parte da vida no mar fazia com que elas assumissem encargos que ordenam conhecimentos acerca de técnicas de produção pesqueiras se inserindo no mundo da pesca artesanal. Esse cenário é visto em Vieira et al (2013), quando mostram que as mulheres na vila dos pescadores em Ajuruteua no Pará, sobre óticas culturais são inseridas no campo do cuidado da casa e da família, e em atividades de pesca, coleta, apanhar lenha, ocorrem em acordo, como se fossem uma extensão destas atribuições tal como o quintal é representado como parte da casa.

Essas características culturais são muito comuns na Amazônia, conforme os estudos de Silva e Simonian (2006) existe uma divisão muito clara acerca dos dois universos, como destaca as autoras ao averiguar essas perspectivas em Trambioca território Amazônico, nesse as mulheres desempenham papéis similares em todas as comunidades, seja ela em área de várzea ou ambientes de terra firme. Em ambas as mulheres desenvolvem trabalhos domésticos e atividades relacionadas ao uso do solo como criação de animais e pequenas plantações. Contudo, como nos apresenta os autores as mulheres tem ganhado um outro olhar sobre seu lugar na atividade pesqueira, onde sempre têm um papel na pesca que para elas é relevante, muitas delas são responsáveis pela manutenção dos apetrechos de pesca e desenvolvem pescaria em áreas mais rasas, próximo principalmente do mangue em rios e igarapés.

Essas técnicas de pesca são na maioria das vezes repassadas a elas pelos maridos, como se confirma os achados de Maldonado (1986) em que expõe que a pesca mesmo de beirada precisa de um conhecimento tradicional do uso e do ambiente na qual é transmitida por algum parente. Essas características igualmente são destacadas por Martins e Alvim (2016) ao

dialogarem a respeito da inserção das mulheres no universo da pesca artesanal demonstram o que Vieira et al (2013) vai identificar como divisão sexual do trabalho.

É fato que ainda que existam nesse processo o mundo dos homens e o mundo das mulheres, é comum que ambos transitem entre esses espaços a partir de uma multiterritorialidade traçada nessa própria separação que criam e recriam relações a partir da produção e reprodução da vida em comunidade. “Para eles o território ali disponível bem como seus recursos são como uma extensão da própria vida, eles não concebem como algo separado ou que compõe um campo sobre o qual eles não têm direito ou direitos limitados” (ROSA, 2007, p. 143). A multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios (Haesbaert, 2004).

Assim, compreende-se com base em Martins e Alvim (2016) os dois lugares de trabalho no ambiente costeiro estuarino onde elas agem; a terra e o mar. Os autores exibem esses como sendo o primeiro condicionante a mulher e o segundo ao homem como se no mar a figura feminina fosse proibida de desempenhar tal atividade. No entanto, o que se pode perceber a partir do campo e dos relatos das entrevistadas é que não existem uma definição espacial entre esses dois ambientes uma vez que homens e mulheres agem de forma sazonal nesse maretório.

Assim, é possível reconhecer a partir das obras analisadas para compreender as relações de gênero na pesca artesanal na Amazônia, que em comunidades costeiras estuarinas a importância do papel da mulher se dar por uma questão de desenvolvimento social, cultural e econômico nos aspectos do cotidiano do lar, do uso dos quintais para produção e de pequenas pescarias de beiradas e pesca junto ao marido pescador. Entretanto, seu papel tem ganhado cada vez mais protagonismo em discussões políticas e registros científicos a qual abre novos horizontes para pesquisas.

3. A MULHER NA CONSTRUÇÃO SOCIOECONOMICA E CULTURAL DE PERIMIRIM

A região costeira brasileira, em sua construção histórica, foi ocupada por povos que se apropriam como material simbólico e político, construindo dessa maneira, seu território e sua territorialidade, formando conhecimentos tradicionais diversos e identidades. Nesse caminhar, o Maretório da Costa de Urumajó, se formou por grupos de praieiros que moldaram suas

identidades de forma singular através da pesca artesanal. Esses grupos configuram a vida na comunidade de Perimirim (figura 01) que está situada no município de Augusto Corrêa no nordeste do Estado do Pará, cerca de 228 km de Belém/PA.

Figura 01: Vista frontal da comunidade de Perimirim



Fonte: Amorim, 2025

A comunidade de Perimirim fica distante 9 km da sede do município de Augusto Corrêa, A península possui uma área de 3.000 km² e está situada à margem esquerda do rio Urumajó, que compõe o entorno da Resex Marinha Araí-Peroba. O acesso até o local é feito por via terrestre em estrada vicinal, ou via fluvial seguindo pelo rio Urumajó até o porto principal da cidade de Augusto Corrêa conforme nos mostra o mapa a seguir (figura 02).

Figura 02: Mapa de Localização da Comunidade de Perimirim



Fonte: Amorim, 2026

Conforme Amorim (2023) a ocupação desse território ocorreu em meados de 1974, quando um forte processo de erosão destruiu parte da praia de Coroa Comprida, onde praieiros ocupavam até então. Os impactos naturais forçaram as famílias a mudarem para o outro lado do rio. Para eles, a devastação da praia aconteceu de “uma hora para outra”. Por isso, muitas famílias perderam praticamente todos os seus pertences. Nessas circunstâncias as que mais sofreram foram as mulheres, devido sua relação com os lares.

Como relatou a praieira Mirian, aos poucos, as mulheres viam seus quintais transformados em manguezais, obrigadas pelo mar a construir suas casas cada vez mais adentro do mangue, dividindo assim, seus momentos de forma mais intensas com as aves e com outras espécies do bioma que passaram a frequentar seus lares tão naturalmente, se tornando parte do convívio familiar. Na paisagem onde antes eram ruas integraram o mar e foram tomadas por canoas, seus varais viraram estacadas para a rede de pescar e a estrutura de suas casas, foram, com o tempo se deteriorando, deixando vestígios apenas de “assoalhos” de madeira, percebidos na maré seca. Com a erosão, as casas e o local de pesca se tornaram um só.

Amorim (2023) expõe ainda que não existia infraestrutura na Praia de Coroa Comprida, pois as dinâmicas das marés de março não permitiam. Não havia abastecimento de água, assim, para banho e lavagem de roupas, a água era retirada de poços, cavados pelas mulheres nos mutirões com parentes e outros praieiros. Esses poços eram cercados por tabuas para proteger das águas da maré, costume presente até hoje, entre os pescadores, em praias próximos dos ranchos de pesca, para apoio nos momentos de trabalho ou lazer.

Em Coroa Comprida era na beira do mar que cada família construía sua casa. Era responsabilidade do homem realizar o trabalho de construção, mas o modelo, compartimentos, material usado, a decoração era escolha da mulher como enfatiza a praieira Mirian no momento de sua entrevista. Geralmente os materiais utilizados eram madeira, palhas, varas do próprio mangue e outros materiais reutilizados, muitas vezes encontrados na praia, trazidos pelas marés. Os telhados eram feitos com palhas de coqueiros, retiradas em ilhas próximas, ou usavam telhas de Brasilit, compradas na cidade e trazidas em embarcações. Algumas casas tinham compartimentos divididos com paredes de madeiras, varandas grandes abertas de frente para o mar. Outras eram totalmente cobertas de palhas, o que lembra muito a composição de um rancho de pesca atualmente. Como pode-se perceber, para as mulheres praieiras a erosão de 1970 é um marco histórico importante na vida delas.

Estudos técnicos realizados pela prefeitura, no período, detectaram que essa área seria devastada pelo processo natural prevendo que as ilhas e as praia sofreriam grandes transformações. Por isso, uma nova área foi comprada em 1974 pelo prefeito da época senhor

Osvaldo Sampaio, para dar apoio aos desabrigados das praias e ilhas da costa, construindo dessa maneira uma cultura e um cotidiano local muito peculiar da nova comunidade que passou a ser identificada como Perimirim. Nome referente a grandes quantidades de árvores de Mirinzeiros (*Humiria balsamifera*) que existiam no local.

O processo de ocupação de Perimirim não se deu de uma única vez, durou cerca de dois anos, porque havia muita resistência principalmente das mulheres sobre mudar para o outro lado do rio, onde as ondas eram menos violentas. Mas, por uma questão de segurança elas aceitaram a mudanças. Assim, a organização ocupacional da nova comunidade se deu em aspectos sociais e por ordem de chegada, com destaque para a relação de parentesco, fortemente enraizados na vida no maretório, que se forma, segundo Vieira et al (2013), por uma rede sempre reatualizada e reaproximada pelos casamentos. Por conseguinte, os terrenos eram distribuídos por aqueles que se autodenominavam de famílias tradicionais.

Esse processo se caracteriza de acordo com Hobsbawm (1997) como a invenção da tradição, que apresenta nesse sentido, o direito comum ou consuetudinário sobre esse território com uma flexibilidade implícita que compromete o passado onde a diferença entre a tradição e costume é clara.

“Tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBBSAWM, 1997, p. 9).

Com base nisso, percebe-se que a natureza se tornou o espaço humano de ações e práticas dos praieiros que se apropriavam dos múltiplos territórios para manejo dos recursos e formam assim tradições “que ocupam um lugar diametralmente oposto as convenções ou rotinas pragmáticas” (HOBBSAWM, 1997, p. 11). O fator ambiental, nesse processo, foi capaz de interferir na forma como esses se organizaram no outro lado do rio. Essa analogia contribuiu para a percepção dos limites territoriais e sua reprodução social entre terra e mar e a assimilação destes, posteriormente, do que atualmente identifica-se como maretório.

Embora, todavia esse território passou ao longo dos anos por um intenso processo de migração que gerou uma nova configuração social comunitária. Esta, no decorrer dos anos, recebeu outros habitantes, que se estabeleceram no local, inclusive, vindo de outros estados como Ceará e Maranhão. Conforme pesquisa realizada por mim em 2016 as famílias originárias do território ocupavam cerca de 15% da população na época, porém uma ocupação recente do território se deu por pessoas vindas de outras vilas do município de Augusto Corrêa como Nova

Olinda e Aturiaí, principalmente mulheres que foram por conta de casamento com algum pescador local e homens que foram em busca de trabalho na pesca.

Como nos aponta a pesquisa referente as mulheres algumas são oriundas de áreas rurais, tendo suas identidades construídas no roçado com a cultura da mandioca para produção de farinha. Outras são de origem nordestina, e que chegaram à comunidade para participar de festividades religiosas e acabaram ficando por laços de casamento ou parentescos, construindo junto a pescadores locais um ciclo familiar. Além desses, em campo notou-se a presença de outras pessoas vindas da praia de Ajuruteua no município de Bragança e de outros lugares do estado, inclusive da capital Belém. Essas vieram em busca de melhor qualidade de vida, ou porque foram alocadas a trabalho público por concursos.

A pesquisa realizada em 2016 ainda revela que é muito frequente aquelas pessoas que migraram por influências de familiares, ou seja, parentes que já moravam na comunidade e saíram por algum motivo, retornando anos depois. O estudo além desses dados mostra que 8% dos entrevistados não souberam responder o motivo da chegada ao território. Um dado interessante a se ressaltar é que com base nas informações da Unidade Básica de Saúde de Perimirim o índice de pessoas do sexo feminino é apontado como maior contingente comparado ao masculino, evidenciando que a migração dos homens, principalmente por conta da pesca industrial acontece com maior frequência. O que foi confirmado nas entrevistas realizadas para a produção desse artigo.

Nesse viés, os dados de Amorim e Campos (2019) indicam que haviam no maretório, cerca de 1.680 pescadores cadastrados na Colônia Z-18 no período do estudo. Dados mais recentes de Nascimento (2021) registram que só no entorno da Resex Arai-Peroba vivem cerca de 4.400 famílias vivendo principalmente da pesca artesanal. São homens, mulheres, pretos, pardos e brancos que compõem a caracterização das comunidades tradicionais pesqueiras. Essa configuração territorial é gerada com múltiplas identidades socioculturais, sendo essas: pescadores e pescadoras, artistas, artesões e artesãs, marisqueiras, parteiras, benzedadeiras, comerciantes, religiosos, entre muitas outras. Desde pessoas antigas que nos contam as transformações que ocorreram desde a década de 1970, até os novos que chegam e já têm de aprender o ritmo que a vida praieira tem. Esses com o tempo, vão elaborando suas próprias estratégias de vida no lugar.

Segundo a investigação recente de Amorim (2023) as mulheres começam a pescar por influência dos companheiros, que incentivam a exercer a atividade, tendo como a pesca mais atuante a de linha e rede na beirada, em que se limita a captura de peixes pequenos de variadas espécies, sendo essa tranquila por não ter que adentrar ao mar como pode ser percebida na

figura 03, onde um casal de pescadores praticam a pesca de lanceada, antes praticada somente por homens e atualmente é muito comum mulheres se organizarem para a pescaria em pesqueiros próximos da comunidade.

Figura 03: Casal de Pescadores Praticando a Pesca de Beirada.



Fonte: Amorim, 2026

A imagem mostra a pescadora Lídia e seu esposo lanceada na praia da Marambaia, a pescadora faz o mesmo trabalho que o pescador, necessitando em nível de prática e força igualitária para a puxada da rede de pesca. O que antes somente os homens praticavam por ser visto como uma atividade “pesada”. Destaca-se que essas características socioeconômicas da mulher quanto sua relação com a pesca mudou ao decorrer dos anos, isso se detém porque a economia de Perimirim ainda está concentrada na pesca, principalmente a pesca artesanal, com rede e canoa; uma vez que, a agricultura é pouco praticada na comunidade.

No caso de Perimirim como nos mostrou a análise de Amorim (2016) a maioria das famílias tem entre um a dois responsáveis pelo sustento do lar, o homem na maioria das vezes trabalha na pesca e a mulher complementa a renda com benefícios do governo como Bolsa Família por exemplo. Ademais, no período foram identificados que a maioria dos trabalhos eram exercidos por homens que além da pesca obtinham a renda da marretagem⁴, venda de produtos em pequenos comércios e bares; funcionalismo públicos com funções na escola e posto de saúde; sistema de abastecimento de água, e instituição fora da comunidade, ou autônomos, que trabalhavam com vendas diretas de produtos cosméticos e roupas.

Sobre um ponto de vista materialista, pode ser dizer que Perimirim apresentava uma característica na qual remete-se a uma organização socioeconômica com raro acúmulo de

⁴ A compra de pescado por comerciantes de fora da comunidade que negociavam os peixes nos portos de desembarques para venda no mercado das cidades.

capital, sem trabalho assalariado. Em dados conclusivos analisados por mim em 2016 apresentam um território formado de desigualdade, discriminação, pobreza, entre outras variáveis, onde a maioria dos praieiros que ainda pescavam faziam para sobrevivência, e os poucos que vendem alegavam desvalorização do produto. Essa característica de comunidade pesqueira se dá até hoje devido às dificuldades financeiras existentes nesses lugares principalmente na Amazônia, onde a própria existência humana se torna vulnerável diante a tantos entraves de um território denso.

Nos aspectos sociais de Perimirim era muito comum características ancestrais e coloniais, onde se detinham ao homem o sustento da casa, e a mulher em um lugar de cuidados com os filhos e o lar. Identificou-se através do campo realizado em 2016 que essas famílias eram constituídas por jovens que deixavam de estudar devido uma união estável de forma não planejada, muitas vezes, iniciadas por conta de uma gravidez indesejada, passando o companheiro a se dedicar a pesca para o sustento, e a esposa aos afazeres domésticos. A família é característica essencial nessa conjuntura, por conta da reciprocidade entre os parentes com os que vivem próximos a suas residências, que geram uma relação de compadrio e ajuda mutua.

Por conseguinte, os estudos realizados na época sugeriram que apesar das transformações que vinham ocorrendo na comunidade além da pesca em termo em geral, as mulheres necessitavam de buscar uma melhor qualidade de vida, principalmente em termos de organização social, produção de renda e valorização cultural. Apesar de ser pouco provável que as mulheres praieiras estivessem expressando orgulho pelo trabalho realizado na pesca artesanal, no passado elas possuíam consciência de seu enorme poder e capacidade de produzir e criar maneira de existir na Amazônia.

4. O PROTAGONISMO DAS MULHERES DE PERIMIRIM

A falta de valorização das mulheres na comunidade de Perimirim era resultado de identidades construídas por décadas de patriarcado, percebido na forma como elas eram identificadas no ciclo familiar e comunitário, o que é identificado na forma de tratamento as casadas. Na maioria das vezes, essas têm seu nome associado ao nome do marido, como por exemplo, a “Maria do João”, remetendo essa questão a uma discussão de gênero onde a mulher ainda é em muitos casos não protagonista do seu próprio nome, aspectos que estão embrenhados na cultura local e passa despercebida aos olhos delas.

Refletir sobre a importância do nome como identidade nesse estudo se faz necessário pois, a mulher praieira como as ouvida na pesquisa demonstram força, voz e empoderamento

em áreas fundamentais dos aspectos culturais, sociais e políticos que formam a cartografia social da comunidade pesqueira, e que as representam como as mulheres da Amazônia, e hoje essas estão presentes em pautas e organizadas para ocupar espaços antes prioritariamente masculinos, como a pesca artesanal por exemplo.

A mudança desse quadro social fica evidente ao me deportar a pesquisa realizada para minha dissertação, onde a mulher se mostra atuante na pesca, e recentemente nos dados coletados quando a figura feminina ganha ainda mais protagonismo ao registrar a trajetória de ocupação dessas em outras atividades além da pesca como lideranças comunitárias, atividades autônomas, serviços públicos, lugar na política, e ainda se fortalecem com a organização de um Clube de Mulheres, aspectos que se desenvolvem desde 1990 quando a primeira mulher assume a liderança da comunidade e segue até hoje com a nova configuração social estabelecida por elas. É necessário ressaltar que apesar de haver diferenças na forma como a sociedade praieira se organiza socioeconomicamente hoje, essas características não são vistas como impasse na relação entre homens e mulheres, uma vez que, a reciprocidade entre eles ainda gera ajuda mútua, respeito, e compadrio diferente do gênero.

No Maretório da Costa de Urumajó igual em outras áreas costeiras estuarinas registradas em pesquisa referente a pesca artesanal na Amazônia, é possível identificar que as mulheres são apresentadas na maioria dos escritos como aquelas que atuam em ajuda ao marido na pesca de beirada ou pesca de linha⁵, na despesca, na catação, na apanha de mariscos, na salga entre outras atividades, expondo essas sempre em um lugar de não protagonista em relação a pesca, muitas vezes, não reconhecidas como pescadoras. No entanto, na comunidade de Perimirim a formação de identidades praieiras das mulheres se constitui por meio das memórias e se desenham através de símbolos que evidenciam as identidades, amarradas em saberes lapidados na vida cotidiana de costumes tradicionais, onde elas existem e (re)existem, através dos recursos naturais advindos das águas.

Com base nisso, acontece uma reafirmação das identidades das mulheres quanto ao uso do saber-fazer da pesca artesanal praticada com pertencimento. Sobre isso, Nascimento e Barboza (2020), compreendem que a formação da identidade dos extrativistas amazônicos surge nas suas experiências, no cotidiano de vida e sua relação com a natureza, transmitindo seus costumes e suas práticas culturais de geração a geração. Por isso, entende-se que a “construção da identidade dos pescadores artesanais não é algo estático, é elaborada e

⁵ A pesca de linha é realizada com a colocação de linhas dispondo de um anzol, nos rios, em locais chamados de “emburatuas”, termo de origem indígena, designando os trechos onde ficam concentrados pedaços de galhos de árvores e, segundo os pescadores, próprios para a se capturar peixes (MANESCHY, 1995, p. 60).

reelaborada constantemente, como resultante de processos sociais tecidos em seus territórios tradicionais há séculos” (Nascimento, 2021, p. 66).

No Maretório da Costa de Urumajó é perceptível uma maior participação e pertencimento da mulher da pesca formando uma identidade feminina da pesca. Embora, na cultura da pesca existe uma ideia da dominação masculina muito frequente, Maneschy (1995) ao estudar as pescadoras em Ajuruteua no Pará por exemplo, identificou um protagonismo na confecção e nos reparos de velas e outros instrumentos de pesca, bem como na salga do pescado e na coleta de mariscos. Essas características também são destacadas por Martins e Alvim (2016) ao dialogarem em relação a inserção das mulheres no universo da pesca artesanal. Refletindo na participação delas não somente na produção de alimento e geração de renda para sua família, mas ainda na manutenção da própria atividade, mediante manipulação dos recursos, introdução dos filhos nas tarefas e consequente transmissão de conhecimentos, apesar das condições adversas enfrentadas por elas na profissão.

Na comunidade de Perimirim, com o novo panorama pesqueiro nos últimos tempos, com a inserção de novas tecnologias, diminuiu o costume das mulheres de praticar a pesca e outras atividades de beirada. Esse costume foi mudando ao longo do tempo, onde transformações como o uso do sal foi substituído pelo gelo, influenciando o período que os companheiros ficam no mar. O que antes durava em torno de meses, atualmente acontece entre quinze a trinta dias, e com o uso do motor rabeta se customizou as pescarias de ida e volta que resulta na mobilidade frequente dos praieiros em busca de novos pesqueiros. Nesse novo Cenário, as mulheres aguardam os maridos chegarem para preparo das alimentações, e muitas ajudam na despesca. Isso nos remete ao pensar de Porto-Gonçalves (2011) quando nos coloca que toda cultura não é imutável. Logo, as novas formas de organização sociocultural são inventadas e criadas, assim, novos atributos e qualidade desabrocham e outros são inibidos, num processo sem fim.

Essa característica social que dinamiza a comunidade de Perimirim me faz refletir aos escritos de Porto-Gonçalves (2008) quando o autor explana sobre a diversidade e o legítimo direito à diferença, possibilitando mergulhar na compreensão dos complexos mecanismos sociais em que esses grupos estão envolvidos em uma intensa dinâmica de opressão, injustiça e exploração social e, mesmo com esses conflitos, (re)existem e lutam por uma legitimação identitária que prevalece em seu pertencimento.

Quanto a isso, nas entrevistas aplicadas identificou-se que as mulheres que ainda tem o costume de acompanhamento e espera dos maridos são praieiras com pouco interesse em estudos, que não possuem capacitação técnicas e acadêmicas para exercer outras funções de

trabalho vistas por elas como menos “pesada” e se isentarem das interações políticas que atualmente acontece na comunidade por meio da organização de um Clube de Mulheres.

4.1 A Mulher Praieira na Pesca Artesanal

Mesmo com os avanços do protagonismo feminino na comunidade de Perimirim, a prática da pesca artesanal ainda é praticada de forma mais intensa pelos homens. No entanto, é evidente por meio do que foi narrado pelas mulheres entrevistadas, que hoje o acompanhamento aos maridos durante a prática da pesca artesanal no mar ou a autonomia na prática é na maioria das vezes direcionada a mulheres mais envelhecidas, aposentadas e com tempo livre, que começaram a praticar de forma independentes pescarias, principalmente a de beirada, por pertencimento e não por necessidade. Como é o caso da pescadora Lídia que atua como protagonista do direcionamento da pesca.

Lídia é minha mãe e teve sua infância e juventude no Cearázinho, uma comunidade rural do município de Bragança-Pará, onde teve sua identidade construída no roçado com a cultura da mandioca para produção de farinha. Descendente nordestina, viveu muitos anos da vida nas terras da família, na comunidade que fica cerca de 5 km da sede de Augusto Corrêa, onde até hoje possuem relações identitárias. Foi durante uma visita na comunidade de Perimirim para uma festividade religiosa que conheceu meu pai e, logo após se mudou para viver na comunidade de Perimirim, em meados de 1980 junto com ele. Nesse período, minha mãe começou a pescar por influência dele e sua pesca mais atuante era a de linha na beirada, em que capturava peixes pequenos de variadas espécies.

No final dos anos de 1990 a prairieira assumiu o cargo de auxiliar de enfermagem no posto de saúde da comunidade na qual trabalhou até 2023. Hoje com mais de 60 (sessenta) anos, após o aposento começou a adentrar o mar para a pescar artesanal diretamente em longas jornadas nas ilhas da Costa de Urumajó como pode-se perceber nas figuras 04 e 05.

Na primeira imagem, a pescadora desenvolve práticas de despesca em canoa, e na segunda ela segue ao rancho com os peixes capturados na pesca de beirada durante uma temporada de pesca. É na despesca que os pescadores fazem a retirada dos peixes da embarcação, em paneiros ou caixas térmicas, ou das redes como nos mostra a figura, quando ainda possuem peixes malhados, por não terem tido tempo de realizar o processo por conta da enchente da maré. Esse momento, algumas vezes acontece em terra, nos portos ou até mesmo na “beirada” (áreas de praias), onde ocorre a comercialização do pescado e, as vezes, o compartilhamento dos peixes capturados criando assim uma relação de companheirismo.

Figura 04: Pescadora na despesca **Figura 05:** Pescadora após pescaria.



Fonte: Amorim, 2026



Fonte: Amorim, 2026

Conforme relata minha mãe sua relação com a pesca artesanal iniciou devido o casamento, quando migrou de uma comunidade onde sua família era produtora rural para a outra com características pesqueiras, e depois que se casou com um pescador começou a desenvolver os conhecimentos básicos por meio do ensinamento que ele passou para suprir as necessidades no período em que ele estava no alto mar, pois passava mais de meses pescando em embarcações de grande porte. Como ela expõe:

[...] eu comecei a convivência da pesca com meu esposo, nessa época eu comecei a criar meus filhos, não era gelo era sal. Aí meu marido saía para o mar para pescar, ele pescava de barco, ele passava mês para o maranhão pescando de salga. E eu ficava na praia criando meus filhos praticamente um mês, fui pai e mãe. E a gente esperava a maré para chegar, a gente esperava o pescador que vinha nas canoas para a gente comprar, quando a gente não conseguia a gente ia arrastar camarão lá pela beira; e ia pescar de linha, cansei de pescar de linha, ia pescar de anzol na beira; pegava rodada de peixe trazia e comia com meus filhos até completar um mês quando meu marido chegasse do mar.

Nessa circunstância, é perceptível a transmissão dos conhecimentos tradicionais da pesca pelo marido pescador, confirmando os achados de Maldonado (1986) que expõe que a pesca, mesmo quando de beirada, precisa de um conhecimento tradicional do uso e do ambiente na qual é realizada. Desse modo, as mulheres no novo cenário da pesca artesanal seguem dominando técnicas de pesca e despesca, conhecendo pesqueiros e governando a canoa, coisas que antes somente os homens faziam e detinham o conhecimento e técnica. Atualmente ambos estão aposentados e pescam durante a semana em pesqueiros próximos da costa (figura 06). Como narra a praieira:

“hoje nós temos rancho na praia e fui vendo ele puxar a rede, remar, governar a canoa, aí, de pesca tudo eu faço, ele já ta acostumado comigo na canoa... ajudo ele a lancear, todo tipo de pesca artesanal... Hoje eu pesco de linha de mão na beirada, pesco de rede com ele lanceando, malhando, arrastando camarão, pegando siri, é o que gosto”.

Figura 06: Família de pescadores realizando pescaria.



Fonte: Amorim, 2026

Essas atividades realizadas a partir do aprendizado com o marido, é do mesmo modo repassada aos filhos, na figura 06 a pescadora Lídia e a família praticam pescaria na praia da Marambaia, que fica localizada na costa de Urumajó, é possível ver os filhos e filhas que ajudam os pais na despesca da rede. Essa é a visão atual da pesca artesanal apresentado pelas praias, uma situação bem diferente do universo da pesca na comunidade de Perimirim nas décadas de 1970 a 2000, quando a mulher tinha como papel fundamental a criação dos filhos e os afazeres domésticos que para elas é até hoje funções sociais importantes, quando se tratava de pesca ficavam essas sujeitas a desvisceração e salga, ou quando havia necessidade de pescar para complementar a alimentação com pescarias de beirada.

Nos registros feitos durante as entrevistas confirma que no passado mesmo que a mulher tenha lutado para conseguir sua independência ao longo da história e ocupado lugares de importância social e política, observa-se nesse processo que a própria ainda era vista como ajudante pelos homens pescadores que desenvolviam seus trabalhos de pesca no local e não as identificavam como pescadoras. Resultado de um paradigma criado porque na maioria das vezes as mulheres só praticavam a pesca na falta dos companheiros, por passarem a maior parte da vida no mar, momentos que faziam elas assumirem responsabilidades que necessitavam conhecimentos inclusive de técnicas de produção pesqueiras que as fizeram cada vez mais conquistarem protagonismo na atividade, ação que ajudou a fortalecer o atual cenário cultural e social da comunidade pela luta por (re)existência e identidade.

4.2 A Mulher Praieira na Política

No pensar da luta das mulheres na comunidade de Perimirim, “[...] mais do que resistência, o que se tem é R-Existência posto que não se reage, simplesmente a ação alheia, mas, sim, que algo pré-existe e é a partir dessa existência que se R-Existe. Existo, logo resisto. R-Existo” (Porto-Gonçalves, 2008, p. 47). Nesse sentido, no panorama político da comunidade, destaca-se a atuação da líder comunitária Mirian Santos (figura 07), a primeira vereadora eleita na comunidade que teve seu mandato entre 2013 a 2016 que lutou pela sua R-existência comunitária, principalmente pelas mulheres.

Figura 07: Mirian Santos, ex-vereadora e líder comunitária



Fonte: Acervo pessoal de Mirian Santos

A narrativa da praieira sobre a sua história de vida e sua R-existência, teve como fio condutor sua trajetória com a nomeação de professora. Uma das primeiras professoras atuante do primeiro grupo escolar formado pelo interesse político e educacional dos comunitários. Com os avanços do desenvolvimento do município de Augusto Corrêa o grupo se tornou escola em meados da década de 1990, na qual uma de suas diretoras foi a professora Mirian. Citadas por outras mulheres como uma pessoa importante na história do protagonismo feminino da comunidade.

Sobre a pesca, a praieira Mirian diz que sempre acompanhou o marido nas atividades pesqueira e lutou pelo reconhecimento das mulheres na profissão, apoiando pautas significativas acerca disso na Câmara de Vereadores e em conversas com a Colônia de Pescadores do município e outras entidades e órgãos ligados ao setor. Realizou pescarias até o falecimento do esposo em 2024 quando encerrou suas atividades e desfez seu rancho de pesca na praia da Marambaia. No caso da entrevistada sua relação de pesca se dava muito pela parceria com o marido e não de forma autônomo como identificado em outras praieiras.

Sobre isso, Pereira e Silva (2023) exibem mulheres que protagonizam as articulações

em comunidades amazônicas por meio da educação, igual a praieira Mirian, tinham cargos de professoras que são importantes na (re)-existência contra uma hegemonia social, onde o homem domina e ocupa o lugar central em discussões políticas e sociais fruto da colonização histórica que ainda influenciam em muitas áreas da Amazônia. Conforme as autoras:

“A história de vida e o feminismo na Amazônia, a liderança de mulheres, em comunidades ribeirinhas, sinaliza a construção de subjetividades instituídas em diferentes instâncias sociais, capazes de manejar os desafios que o espaço político da floresta impõe e, as constituições identitárias próprias dessa região” (Pereira e Silva, 2023, p.12).

Nesse sentido, elas destacam que as mulheres de comunidades tradicionais desenham (re)arranjos singulares e coletivos, tanto para as atuais como para as futuras gerações como é possível se perceber na trajetória de vida de Mirian ex-vereadora e de Marizete coordenadora do Clube de Mulheres da comunidade que será apresentado mais adiante.

Durante a entrevista com a ex-vereadora e professora aposentada Mirian, ela diz que trabalha pela comunidade do Perimirim desde 1990, por sempre está envolvida em projetos sociais e religiosos, e ainda que naquele período os homens detinham uma maior participação nas decisões como quando em 1974 houve a ocupação do território em que muitas mulheres não queriam mudar para o outro lado em virtude de pertencimento a Praia de Coroa Comprida, porém, eram direcionadas as decisões do marido que junto a outros homens demarcaram territórios, criaram as normas de convivência na nova terra estabelecendo horários de funcionamento do motor para geração de energia elétrica, datas festivas, entre outros aspectos estruturais, sociais e culturais.

De acordo com Mirian, não houve preconceito por ser mulher ao se tornar anos depois a principal representante em discussões políticas, interagindo com as famílias praieira, promovendo ações para jovens, envolvida em eventos religiosos evangélicos e católicos e se tornando assim uma figura pública e de interesse público.

-Não tive barreiras por ser mulher e trabalhar com a parte masculina, pois minha relação com a comunidade me fez trazer muitos benefícios e desenvolvimento, buscando parcerias, ouvido as pessoas, fazendo reuniões, eu me sinto respeitada até hoje (...) quanto vereadora, eu era muito respeitada principalmente por homens. É importante ser mulher numa câmara de vereadores e ter responsabilidade pelo povo.

Para a praieira os contatos que fez durante sua participação na Câmara foi um grande passo para a visibilidade que a região das ilhas, como ela costuma mencionar, possui atualmente e a infraestrutura que recebeu durante o decorrer dos anos 2020 como a ponte de concreto, o asfaltamento de vias, entre outras obras estruturais e serviços conquistados para a comunidade.

É importante ressaltar que ter essas políticas chegando por meio da voz feminina foi necessária, pois na época de seu mandato a cidade de Augusto Corrêa tinha apenas três mulheres ocupando cargos políticos, uma prefeita e duas vereadoras.

Para Berth (2019) o período eleitoral em comunidades do interior da Amazônia, possibilita arranjos e melhorias comunitárias. Para a autora isso contribuiu na valorização da própria realidade ribeirinha que se caracterizam por mais liberdade de poder de escolha e de permanência em seus territórios e manutenção das suas culturas tradicionais. Corroborando, Sahlins (1990, p. 181) diz que “as categorias tradicionais, quando levadas a agir sobre um mundo com razões próprias, um mundo que é por si mesmo potencialmente refratário são transformadas”. O autor, explana a respeito dos riscos que esse processo pode provocar nas manutenções de uma cultura, principalmente quando é interpretada de forma equivocada o sentido de desenvolvimento, e como a epistemologias tem visto essas mudanças nas tradicionalidades de comunidades. Contudo, é relevante que essas transformações aconteçam concomitantes a um maior pertencimento identitário devido aos riscos impulsionados pela globalização.

Sobre isso, é evidente as transformações na cultura local da comunidade de Perimirim com a inserção de novas tecnologias da pesca e depois com a chegada da energia elétrica, a internet e da construção de estradas e pontes que possibilitaram um maior acesso de pessoas de fora na comunidade carregadas e outros costumes. Com essas novas dinâmicas sociais, o estudo de Amorim (2016) expõe que a atividade pesqueira na comunidade era praticada em grande parte por homens do que por mulheres, dados que evidenciam a prevalecia na atividade da pesca de uma característica social de gênero que se pautava justamente ao acesso a novas formas de pescar como o uso do gelo que substituiu a salga e o motor rabeta que mudou a dinâmica de velejar das canoas, e possibilitou uma pescaria de ida e volta.

Na pesquisa realizada em campo é identificada que as mulheres na atividade da pesca em tempos passados eram identificadas como companheiras de seus maridos que se aventuravam na atividade da pesca artesanal para o pescador não precisar dividir o produto do trabalho com outros companheiros, e dessa forma, o valor adquirido pelo serviço agrega somente a renda da família, sem divisão do lucro ou o produto. O que mudou com um novo olhar das mulheres sobre sua participação nas relações sociais e de trabalho na comunidade. Sobre essas questões de divisão social do trabalho principalmente nas questões de gênero, as entrevistadas expuseram falas similares se referindo que os homens tiveram maior visibilidades nas comunidades, devido a pesca e as relações externas dominadas por eles, enquanto elas ficavam sujeitas a ações religiosas, e ter suas rendas do Bolsa Família.

Para elas, isso tem mudado, e tem tido mais voz feminina, conquistando outros trabalhos com a valorização do que já produziam que fomenta nelas um maior pertencimento de se considerarem praieiras, por entender que a atividade da pesca artesanal não é somente adentrar o mar para pescar, mas, viver do mar. Contudo, a participação das mulheres em discussões sobre a pesca se iniciou em 2008 com a criação de uma associação de pescadores e pescadoras nas quais a mulher teve um reconhecimento expressivo a respeito da sua categorização profissional. No entanto, a partir do relato da coordenadora do Clube de Mulheres esse cenário só mudou de fato depois de dez anos em meados de 2018 quando se iniciou as primeiras reuniões para se formar uma organização social que tratassem sobre suas pautas.

4.3 Clube de Poupança Invocação Feminina da Resex Arai-Peroba em Perimirim

Em Perimirim as praieiras têm um papel social relevante, resultado de uma resistência dessas por um lugar de protagonismo desde a década de 1970. É nesse sublinhar que aspectos da cultura cotidiana desse período continuam a existir até hoje, em especial o trabalho das pescadoras, a coleta de mariscos, fabrico de carvão, criações domésticas e outras, que contribuem para a caracterização dessas no tempo presente. Atualmente, essas atividades são fortalecidas nos movimentos realizados por um clube social de mulheres da comunidade e outras são formadas a partir do interesse de produção e renda de cada membra associada.

As mulheres de Perimirim não participaram diretamente em discussões de planejamento da extensão da Resex Arai-Peroba, muitas delas até se inserirem no Clube de Mulheres desconheciam de fato o que mudaria em suas vidas ou as possibilidades que teriam a partir daquele momento de 2014 quando de fato a comunidade integrou a política de extensão territorial da Resex, atualmente essas se promovem e protagonizam suas atividades como resultado deste processo. Esse cenário reafirma os achados de Simonian e Batista (2013) onde dizem que em muitos exemplos de constituição da política pública de Resex falta uma sensibilização maior para participação e consequentemente mais informações acerca do papel dos pescadores e pescadoras nos sistemas de gestão do território e dos seus recursos naturais.

Esse cenário começa a mudar a partir de 2018 quando essas mulheres começaram a se organizar primeiramente para venda de comidas típicas em eventos comunitários, e depois com palestras, oficinas e capacitação realizadas por instituições como Instituto Federal do Pará-IFPA, Universidade Federal do Pará-UFPA, Sebrae, entre outras instituições que formaram nelas uma maior vontade de se organizarem e buscarem benefícios para comunidade e melhor desenvolvimento social. Desse modo, somente em 2022 o grupo de mulheres se formaliza com

o nome Clube de Poupança Invocação Feminina da Resex Arai-Peroba, estando a frente de muitas ações sociais e ganhando notório reconhecimento popular e político.

Os Clubes de Poupança são ações de educação e inclusão financeira desenvolvidas nas comunidades da Resex Arai-Peroba. Interligados ao programa Pesca para Sempre da Rare⁶ Brasil, esses grupos auxiliam pescadores e extrativistas a gerarem renda, conseguirem autonomia financeira e realizarem projetos familiares. Para funcionamento do Club os membros, normalmente mulheres da comunidade, reúnem-se mensalmente para criar projetos, metas, objetivos e ainda se organizarem financeiramente com depósitos em dinheiros. Essas ações são orientadas a partir de uma educação financeira onde os encontros servem para debater o uso do dinheiro, ensinar planejamento financeiro e fortalecer a autonomia das famílias costeiras. Ou seja, o objetivo do Club é mudar os hábitos de gestão financeira dos participantes, utilizando conceitos de alfabetização financeira em seu dia a dia e ampliando seus horizontes de planejamento (Arango, 2018, p. 3).

Na comunidade de Perimirim o clube opera como parte de uma estratégia maior de conservação marinha e empoderamento social. O projeto é apoiado localmente pela Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha de Arai-Peroba (AUREMAP), com o objetivo de promover uma economia de base sustentável que fortalece a identidade das populações tradicionais e ainda recebendo apoio de outras organizações sociais como o projeto Mangues da Amazônia que é uma iniciativa socioambiental focada na recuperação e conservação de manguezais na costa do Pará. Dentre seus objetivos está o reflorestamento, a pesquisa científica e a educação ambiental, combatendo as mudanças climáticas e apoiando comunidades costeiras tradicionais.

Segundo Arango (2018) uma das características mais importantes dos clubes de poupança é que eles são autogeridos. Depois de eleger os dirigentes, o grupo deve escrever seu estatuto que é um documento com os nomes dos dirigentes eleitos e as regras que governam o clube. Em Perimirim o Clube é coordenado pela praieira Marizete que é filha de pescadores e natural do maretório, ela é conhecedora da prática da pesca artesanal, principalmente a pesca de beirada e ainda atua como Agente Comunitária de Saúde da comunidade desde a década de 1990. Marizete foi uma das entrevistadas na pesquisa, e traz nas suas narrativas a evidência de um novo protagonismo feminino no ambiente de área costeira estuarina que é a organização social por meio do associativismo e cooperativismo. Em uma das suas falas, a entrevistada diz

⁶ A Rare é a principal organização de mudança de comportamento na conservação. A Rare é especializada na identificação de soluções comprovadas lideradas localmente e trabalha com parceiros e comunidades em todo o mundo para levar essas soluções em escala regional e nacional (Arango, 2018, p.1).

que as mulheres são figuras marcantes hoje na organização de eventos culturais, sociais, políticos, gastronômicos que promovem a cultura local além de projetos para geração de renda voltado para elas e para o bem estar como um todo (Figuras 08, 09, 10.).

Figura 08: Mulheres do Clube de Poupança



Fonte: Acervo pessoal de dona Marizete

Figura 09: Praieiras em Evento Cultural



Fonte: Acervo pessoal de dona Marizete

Figura 10: Ação social promovida pelo Clube de mulheres



Fonte: Acervo pessoal de dona Marizete

Nas imagens a cima é possível se perceber a organização social das mulheres que integram o Club como no caso da prairie Marizete contando com suas duas filhas, e outras companheiras que juntam desenvolvem e participam de eventos como a Regata de Pescadores que é uma disputa de canoagem tradicional na comunidade e que a partir do Club contou com uma categoria feminina, e ainda ações dos dias das crianças e outras datas comemorativas.

A mulher a partir do Clube em questão é engajada ainda na política em discussões significativas que envolvem benefícios a área da pesca como Bolsa Verde, Minha Casa Minha

Vida Rural, Seguro Defeso, entre outros programas governamentais direcionado a comunidades pesqueiras na qual as praieiras articulam, o que segundo elas antes eram organizados e direcionado pelos homens. Apesar disso, compreende-se que as mulheres em áreas costeiras desempenham um papel social importante, ainda que haja pouco protagonismo ao se tratar da pesca artesanal. É evidente como muitas mulheres se identificam na pesca e outras desenvolvem outros trabalhos como de artesanato usando materiais costeiros e biojoias (figuras 11 e 12).

Figuras 11 e 12: Biojoias produzidas pelas praieiras do Clube de Mulheres



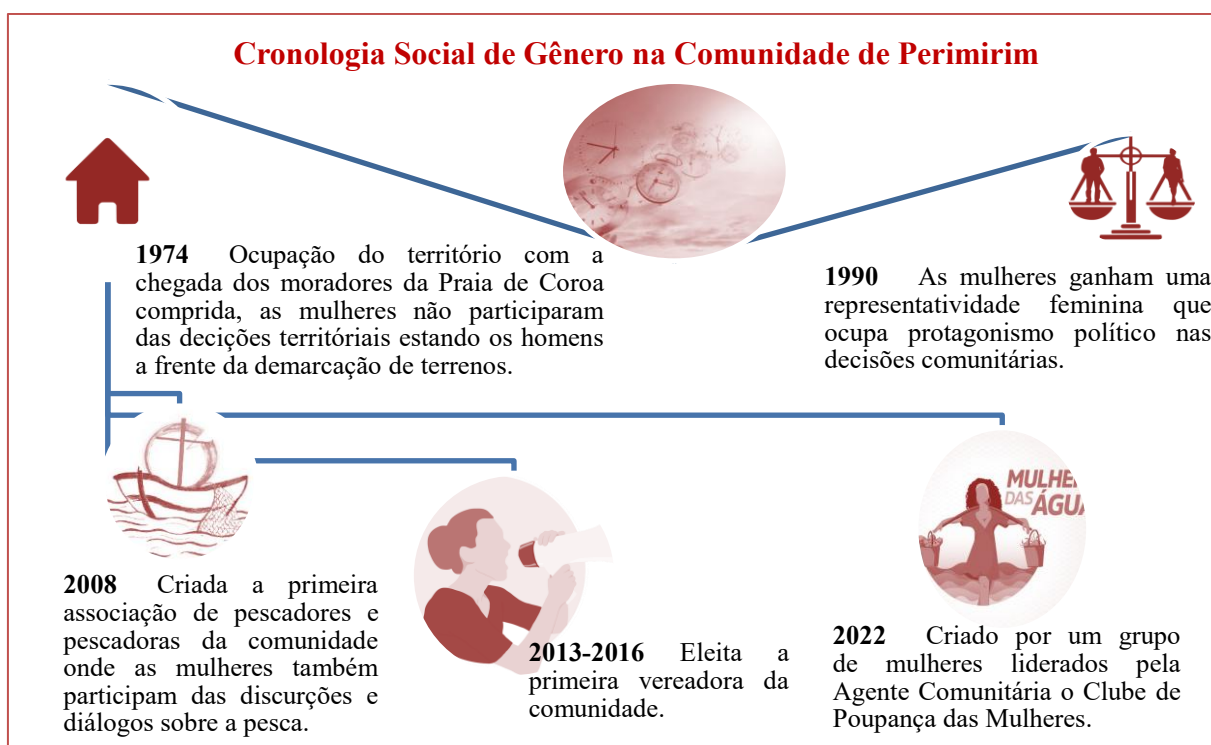
Fonte: Acervo Pessoal de Marizete

Na figura 11 e 12, as mulheres membras do Club produzem biojoias que comercializam e expõem em eventos e feiras. Entre os materiais trabalhados estão os extraídos do mangue e do mar como gravetos, sementes e cascas, em destaque, os caroços de anajás (*Attalea Maripa*), assim como carapaças de crustáceos e moluscos como o caranguejo (*Ucides cordatus*), mexilhão (*Mytilus*) e Sarnambi (*Donax Hanleyanus*), coletadas na areia da praia. Para elas, o uso desses materiais é da mesma forma o uso das marés.

Desse modo, convivem em dois ambientes, o de terra e o de mar, e desenvolvem suas atividades relacionados ao meio na qual estão inseridas, trazendo essas especificidades para seu artesanato. Mesmo que essas na grande maioria não tenham afinidades para pescar, tem no mar um importante pertencimento. Elas colhem seus materiais na praia, quando a maré está baixa, muitas vezes, enquanto seus maridos realizam a despesca ou quando os acompanham para os

ranchos⁷, em busca de pesca e lazer.

Portanto, entre os mais variados aspectos da mulher praieira, elas se apresentam em várias vertentes, seja como artesã, pescadora, cultivadora de plantas medicinais, e no tempo passado responsáveis por cavar os poços ou fazer carvão vegetal, cuidar da casa e dos filhos, e ainda, na função de parteira, atividades que ainda é desenvolvida por algumas mulheres envelhecidas. Nessas atividades polivalentes, a mulher é uma parte social essencial na comunidade de Perimirim. Como afirma a presidente do Clube, a mulher praieira está empoderada, buscam melhorias para a comunidade, para sua família, tem liberdade de expressão, participam de atividades de lazer, entretenimento, fazem projetos sociais e culturais e estão principalmente nas pautas políticas que antes era engessados somente nos homens. Essa evolução pode ser percebida no quadro abaixo que faz uma ilustração acerca da cronologia do tempo nas perspectivas sociais e políticas de gênero.



Fonte: Amorim, 2026

Para Dona Marizete essa trajetória histórica apresentada no quadro anterior, possibilitou hoje se ver na comunidade uma mulher atuante que não se submete somente a serviços domésticos ou ajuda aos companheiros, além disso, começou a protagonizar suas próprias atividades sendo elas de pesca ou não. Atualmente a mulher tem autonomia para pescas como

⁷ Local construído pelos pescadores para passarem a temporada de pesca, onde guardam seus apetrechos e equipamentos das embarcações, além de usarem para produção de suas refeições, e armazenamento de pescado já capturado em caixas térmicas, ou mesmo para salga dos pescados.

de peixes no mar e atividades de beirada como a pesca de mariscos. Além disso, está presente nos eventos comunitários com venda de comidas preparadas com os produtos adquiridos na sua própria pescaria.

Um grande passo para essa mudança social na comunidade de Perimirim como nos mostra o quadro foi a criação em 2022 do Club de mulheres que promoveu visibilidades as praieiras, com a constituição da expansão territorial da Resex Marinha Arai-Peroba em 2014, na qual integrou as políticas territoriais extrativistas, possibilitando a criação desse grupo e os avanços e fortalecimento das lutas femininas. Como mencionou a presidente do Clube, cada mulher que faz parte da associação apreendeu a ter independência financeira seja no artesanato, na venda de produtos naturais como ervas, plantas, poupas de frutas, produção pesqueiras entre outros meios. Um outro ponto importante destacado na entrevista é como as mulheres estão buscando capacitação e formação acadêmicas, muitas delas ingressaram cursos técnicos e superiores e estão ocupando espaços em órgãos públicos como escola e posto de saúde por exemplo, e outras se tornando empreendedoras garantindo o sustento das famílias de forma autônoma, e ainda continuando com a manutenção da cultura do pescar em seus tempos livres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se esse artigo com a reflexão de que em Perimirim a pesca é vista como a extensão da própria vida e firma aspectos do cotidiano da cultura praieira, promovendo etno-relações, pertencimento e (re)existência das mulheres na Amazônia. Sobre as mulheres de Perimirim, a maioria delas embora não tenham sua origem na comunidade, sua identidade se firma por meio das atividades tradicionais, apesar disso, levando em consideração as características individuais de cada uma o Clube de Mulheres trabalha novas expectativas culturais que fortalecem os costumes e ao mesmo tempo enfraquece a permanência de certas atividades ancestrais, entretanto dar novos rumos e novas identidades com possibilidade de desenvolvimento de novas culturas.

No panorama da cultura local retratado a partir dos relatos de Mirian, Marizete e Lídia a cultura da pesca artesanal é uma atividade que está para além de uma perspectiva econômica, sustento ou sobrevivência, mas, o principal elemento identitário do maretório, motivo de existência e (re)existência em diversos aspectos como na política e na organização social. logo, ressalta-se que as atividades desenvolvidas pelos homens na comunidade são indispensáveis, contudo, as mulheres conquistaram lugares essenciais para o funcionamento cultural, social e econômico do lugar. Ao passo do que se apresentou nesse escrito, é perceptível os avanços do

protagonismo feminino em vários aspectos ao longo dos anos desde 1990 até o tempo presente.

Assim, o artigo mostrou a estima de tratar gênero na Amazônia, e como esses aspectos tem mudado com o tempo. Ao permitir a escuta da voz feminina na comunidade de Perimirim é possível notar que essas tal como em outros territórios tradicionais na Amazônia, têm saberes ancestrais polivalentes que vai além de atividades pesqueiras, a criação de animais de pequeno porte, o cultivo de ervas medicinais, a manutenção de segredos sobre parto, e a alimentação nos tratamentos de mulheres “paridas” e cuidados com recém-nascidos entre outras. E por meio de novas políticas advindo com a extensão da Resex Arai-Perobas novos lugares foram ocupados e uma nova cartografia social foi constituída onde a mulher figura muitas vezes no centro da organização social, protagonizando uma nova história dita por um horizonte feminino.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALMEIDA, M. da C. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Ed. Livraria Física, 2010. 172p.

AMORIM, A. S. **Entre marés e memórias: identidade na multiterritorialidade do praieiro no maretório da Costa de Urumajó (Augusto Corrêa, PA)**. 228 f, 2023. Dissertação de Mestrado do Programa em Linguagens e Saberes da Amazônia-PPLSA-da Universidade Federal do Pará. 2023.

AMORIM, A. S. **Área de Proteção Ambiental (APA) da Costa de Urumajó: aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais como possibilidades para o ecoturismo na Ilha de Camará-açu**. 186f. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Turismo da Universidade Federal do Pará – UFPA Campus Belém, Bragança– Pará. 2016.

AMORIM, A. S, CAMPOS, R I. R. de. Perspectiva de ecoturismo na Ilha de Camará-Açu e a relação de pertencimento do pescador local com a APA da Costa do Urumajó. **RITUR**, Penedo, Volume 9, Número 1, p. 4-26. 2019.

ARANGO, C. **Clubes de Poupança: Um Guia para Planejamento e Implementação**. Fish Forever, 2018.

BERTH, J. Empoderamento. São Paulo: **Pólen**, 2019. (Coleção Sueli Carneiro)

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento de Gutenberg a Diderot** /Peter Burke; tradução Plínio Dentzien.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

CANCELAR. C. D. **História das Mulheres na Amazônia Paraense: historiografia, desafios e perspectivas**. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 26, 2024.

CUNHA, L. H. de O. **Ordens e desordens socioambientais saberes tradicionais em dinâmicas pesqueiras da costa paranaense**. 217f, 2007, Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor, ao Curso de Doutorado em Meio Ambiente e

Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná (Université Paris 7 – Université Bordeaux 2). Curitiba. 2007.

FIOURUCCI, R. Considerações acerca da História do Tempo Presente. **Revista espaço acadêmico**. nº 125, 2011.

HAESBAERT, R.. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 1-20.

HOBBSAWM, E. A invenção das tradições. **In**. HOBBSAWM, E; RANGER, T. (ORG). A invenção das tradições, Paz e Terra, v55, Rio de Janeiro, 1997.

MALDONADO, S. C. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986, 77p

MANESCHY, M. C. **Ajuruteua, uma comunidade pesqueira ameaçada**. Belém: Editora Universitária UFPA, 1995, 167 p.

MANESCHY, M. C. A mulher está se afastando da pesca? continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, série antropologia, v. 11, n. 2, p. 145-166, 1995.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003. 310p.

MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 2, p. 379-390, 2016.

MAUAD, A. M. **Através da imagem: fotografia e história** – interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, 73-98.

NASCIMENTO, J. R; BARBOZA, R. S. L. Dos seringais aos maretórios: r-existências nas RESEX marinhas da Amazônia. **In**: Teisserenc, M. J. da S. Aquino T. et all (org) Gestão da água: desafios sociopolíticos e Sociotécnicos na Amazônia e no nordeste brasileiros. Belém: NUMA-UFPA, 2020, p. 234-267.

NASCIMENTO, J. R. **Nos maretórios da Amazônia**: os desafios da gestão compartilhada nas Reservas Extrativistas Marinhas do nordeste do estado do Pará. 226 f, 2021. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana. 2021.

PÁDUA, J. A. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos avançados, nº 24, v. 68, p. 81-101, 2010.

PEREIRA, A. S.; SILVA, I. R. da. História de Vida e Feminismos na Amazônia. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, 2023.

PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. **In**: CECENA, A. E. (Org.). De los saberes de la

emancipación y de la dominación. Buenos Aires: Editora Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2008, p. 37-52.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 15.ed-São Paulo: Contexto, 2011, 152p.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. **In:** História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004.p. 484-507

RAMALHO, C. W. N. Sentimento de corporação, cultura do trabalho e conhecimento patrimonial pesqueiro: expressões socioculturais da pesca artesanal. **Revista de Ciências Sociais**, v. 43, n. 1, p. 8-27, 2012.

RIBEIRO, D. S. **Transgeracionalidade da pesca:** transmissão, permanências e vicissitudes da tradição pesqueira na cidade de Porto Seguro – BA. 75f, 2017. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Antropologia e diversidade cultural – Latino Americana). Universidade Federal da Integração Latino – Americana – Unila, 2017.

ROSA, B. de N. L. **Somos parceiros?** Representações e relações sociais na pesca em unidade de conservação- Em foco a APA da Costa de Urumajó. 171 f, 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

SAHLINS, M. D. **Ilhas de História**. Antropologia Social-J. Z.- Editor, Rio de Janeiro, 1990.

SCOTT, J. História das mulheres **In:** A Escrita a história: novas perspectivas / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.p. 63-97

SILVA C. N. DA; SIMONIAN, L. T. L. A questão de gênero: um breve estudo no estuário amazônico. **Paper do NAEA** nº 200, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença **In:** SILVA, Tomas Tadeu (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.

SIMONIAN, L. T. L.; BATISTA, I. M. da S. Implicações políticas, econômicas e socioambientais da RESEX Mãe Grande de Curuçá: perspectivas de desenvolvimento sustentável no estuário paraense? **Novos Cadernos NAEA**. Belém-PA. v. 16, n.1, p. 203-220. 2013.

THOMPSON, P. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, v. 5, p. 9-28, 2002.

VIEIRA, N. et al. **Divisão sexual do trabalho e relações de gênero em contexto estuarino costeiro amazônico**. Amazôn. Rev. Antropol, v 5 (3) Especial, p. 806-835, 2013.